



A SOMBRA DE TUDO QUE SOMOS NÓS

MÁRCIO OLIVEIRA ELIAS

São tantas perdas para lamentar; tantas lágrimas secas pela estiagem consciencial no meu país. Mas é vida que segue (que sofre e se alegra); é a entrega do sangue que deve correr enfim, para que a vida venha viva (impávida e forte), socorrendo toda a dor que exista para sentir.

A sabedoria revela que somente a saudável distância temporal traz uma reflexão menos conveniente (e mais isenta) dos fatos que se pretende analisar. No futuro que será alcançado por esse distanciamento sadio, os vindouros filósofos, sociólogos e pensadores talvez estejam imersos no processo de compreensão do que aconteceu naquelas primeiras décadas do século 21, quando o mundo civilizado pelas tecnologias da informação e pelo consumerismo comportamental, regurgitava suas idiossincrasias de ódio e preconceito, antes velados no íntimo das consciências.

No limiar do primeiro século do terceiro milênio nações elegeram democraticamente seus renovados déspotas, inflamados por discursos nacionalistas xenófobos e preconceitos explícitos dos mais variados matizes ideocráticos, mas todos com as cores do totalitarismo e da hegemonia de um único pensamento validado. Não se tratava naquele momento de afirmar o renascimento do nazifascismo no espectro da direita, ou do stalinismo-maoísmo à esquerda, pois só poderia renascer aquilo que um dia verdadeiramente morreu. O que se observa é o despertar consciencial da soberba hermética, que nunca deixou de habitar a natureza humana, desde o primeiro e mítico fratricídio.

Nossa América Latina se viu novamente imersa em lideranças totalitárias, mas agora democraticamente eleitas na Venezuela, Bolívia, Chile e Equador, entre outros exemplos ainda envergonhados de revelar seus verdadeiros anseios; seguindo a tendência mundial de discursos similares em países da nobreza parlamentar democrática da Europa e, paradoxalmente, na democracia libertária dos Estados Unidos, que foi entregue ao seu “homem laranja”, desconcertadamente fã do dinástico russo Putin, como metáfora relativista da liberdade sob as coleiras do status governamental.

Na “terra brasilis” a realidade não se torna diferente do matiz mundialmente desenhado, porquanto expeliu de suas entranhas sombrias à presidência da república o seu “Messias”, capitão



expurgado de sua corporação por organização de maquinações terroristas; deputado federal reconhecido pela sua ineficiência legislativa, bem como pelo relacionamento contumaz com submundo das milícias cariocas, que incluem denúncias repetidas de apropriação de salários, nepotismo cruzado e contumaz discurso fascistoide. Tudo muito bem documentado e de sabença pública e notória.

Para não dizer que não falei de flores, a vitória do “Messias” se explica pela desilusão endêmica da população brasileira, alimentada pela massificação dos discursos midiáticos em favor do neoliberalismo canibalista (capitalismo é outra coisa). A decepção sangrou o carisma daquele filho do nordeste, baluarte de sonhos que se tornaram pesadelos recorrentes, contaminando a história de um movimento político embasado no melhor da classe operária e da intelectualidade sonhadora, com uma proposta de ideal ético social diferenciado e límpido (uma verdadeira utopia de igualdade e solidariedade), que se desfez nos pactos diabolicamente construídos nos esgotos da politicagem cancerígena dessa nação.

Embora o discurso vencedor tenha como fundação o sepulcro da chamada “velha política”, o “novo salvador” na verdade não representa essa diretriz sofista, mas o que há de pior nela, pois materializa o lado mais obscuro e inescrupuloso do sistema político brasileiro. Havemos de concordar que o “Messias” não está envolvido em nenhum esquema nacional ou internacional de corrupção, tão pouco com a engenharia de subornos do nosso primeiro escalão político e da nossa elitista classe empresarial, que remonta aos tempos dos saudosos Pedro Álvares e Pero Vaz.

Explica-se que o “seu Jair” não é um corrupto de estirpe, isto é um fato qualificado. Não existe nele e no seu séquito a capacitação intelectual para uma atuação tão sofisticada, como nos esquemas de empreiteiras e de estatais; isto demandaria uma inteligência aguda que não lhe é peculiar. Sua corrupção é pequena, rasteira, parasitária; seus desvios estão nas esquinas de revendas de gás e instalação de “TV a cabo” clandestinos, rachadinha de assessores e contratações da parentalha na alcateia política. Todas essas situações foram reiteradamente noticiadas pela mass media em notas de rodapé que, convenientemente, não lhes destacaram a devida compreensão naquele momento eleitoreiro do país, pois o senso utilitarista prevaleceu: “o fim justificam os meios”.

Os vindouros filósofos, sociólogos e pensadores irão contemplar as primeiras décadas do século 21 e constatar que, nas expressões culturais e comportamentais ali vigentes, a estupefação com as palavras e atitudes do “seu Messias” não poderiam embasar a procedência crítica aos seus primeiros e caudalosos passos de governo, porquanto reverberava exatamente nas mídias e na aristocracia que o elegeu. Apoiaram a mentira insana e agora inflamam pela verdade ética, rememorando a hipocrisia farisaica.



O “heroico mítico” erigido se mostrou um fiel paradigma das massas brasileiras; uma imagem explícita da maneira como essa significativa claqué pensa o mundo ao derredor, bem como as suas relações com a sociedade e a política, caracterizando o típico cidadão brasileiro medianeiro (na sua versão mais sombria e realista), contrariando a definição hegemônica e romantizada do nativo receptivo, divertido e esperto, que se vê na literatura pátria desde os tempos dos saudosos posseiros Pedro Álvares e Pero Vaz.

Não menosprezando a latinidade e a verve fraterna existente no país Brasil, o que os futuros pesquisadores verão na época pretérita em análise serão um percentual significativo de endêmicos nativos preconceituosos, violentos, analfabetos políticos e funcionais, racistas, machistas, autoritários, moralistas e desonestamente convenientes, sem neles haver distinção de composição em sexo, credo, raça e extrato social, apesar do paradoxo de examinar um negro-racista, uma mulher-machista ou um homossexual-homofóbico. Trata-se de valores primitivos arraigados nos padrões culturais de comportamento, mesmo que estejamos todos imersos numa rede de crescentes informações e relações interpessoais sem fronteiras, mas que não significa a transformação da sombra de tudo que somos nós.

Os avanços civilizatórios chegaram e se materializaram em políticas inclusivas, deteriorando as expressões públicas de racismo e de machismo pela criminalização dos preconceitos, bem como avalizando as diretrizes educacionais de base. Mas tudo isso ainda sobrevive na consciência das pessoas, no cotidiano das vidas residenciais, nas relações afetivas e nos espaços de trabalho, no compartilhamento consensual nas redes sociais e grupos de whatsapp, perfilando nas comédias e nos comentários costumeiros entre amigos, nos seletos grupelhos onde prevalece a certeza de que ninguém será delatado ou deletado.

Os vindouros pesquisadores poderão enxergar a obviedade: os preconceitos estão proibidos de se manifestar, mas sobrevivem internalizados, não por uma convicção modificativa cultural, mas por medo do caráter punitivo do ‘politicamente correto’, que serve tão somente para reprimir a naturalidade cotidiana. Esses sentimentos reprimidos, ensina a psicologia, vão potencializando uma conotação negativa maior dentro dos limites emocionais do indivíduo; se criam expectativas sobre a vida sem as frustrações da repressão, aguardando serem libertos e extravasados por algum gatilho existencial.

A história contada no próximo século discorrerá sobre o acionamento deste gatilho existencial nos brasileiros e brasileiras medianos nesses anos acinzentados, que do mais profundo de suas vísceras entupidas de preconceitos e ódios reprimidos, escolheram um ídolo perfilado em sua imagem e semelhança para a Presidência da República Federativa do Brasil varonil. Essas



peças agora se sentem representadas pelo “Messias” que despreza os homossexuais, os índios, os pobres, as mulheres, os nordestinos e os negros (salvo mucamas e serviçais da ‘Casa Grande’). Useiro e vezeiro de palavrões e ofensas para destruir aquele que ousa ter um pensamento diferenciado. O “mito” (uma mentira que explica realidade) enaltece a ignorância, a violência, o preconceito e a difamação sobre todas as áreas do conhecimento humano.

Os brasileiros e brasileiras medianos não seguem sua marcha somente em defesa da “mentira que explica sua realidade”, mas para também exaltar a sua própria mediocridade paleolítica, condenando todos os avanços relacionais de liberdade, igualdade e fraternidade conquistados ao longo da história, reverberando seus padrões de intolerância, preconceito e falta de senso crítico, presentemente bem representados pelo “seu Jair”.

Os vindouros filósofos, sociólogos e pensadores deverão aprofundar com mais isenção e menos conveniência o processo de compreensão dessas primeiras décadas brasileiras do século 21, aferindo os comportamentos de ódio e preconceito velados no íntimo das consciências. Poderão rever os conceitos de humanidade que, sem dúvida, sempre pautou os temas mais refletidos pelos pensadores históricos. Talvez consigam chegar a conclusões menos entristecedoras do que a realidade deste tempo; talvez uma resposta que consiga orientar gerações para um conhecimento consciencial de sua existência e de sua cultura, que certamente (confiando sempre) sobreviverá no melhor das idades.

Recebido em: 08/05/2020

Aprovado em: 12/10/2020